

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Tradução na retomada linguística: agentes, práticas e espaços de circulação do tupi potiguara

Roberto Carlos de Assis, Edson Ramos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18260>

Submetido em: 2026-10-09

Postado em: 2026-10-14 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

TRADUÇÃO NA RETOMADA LINGÜÍSTICA: AGENTES, PRÁTICAS E ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DO TUPI POTIGUARA

TRANSLATION IN LANGUAGE RECLAMATION: AGENTS, PRACTICES, AND SPACES OF CIRCULATION OF POTIGUARA TUPI

Tipo de Contribuição: Relato de Pesquisa

Roberto Carlos de Assis
Universidade Federal da Paraíba
<https://orcid.org/0000-0002-1555-7712>

Edson Rodolfo Ferreira Ramos
Universidade Federal da Paraíba
<https://orcid.org/0009-0008-4490-2790>

RESUMO: Este artigo analisa o papel da tradução na produção e circulação de saberes no contexto contemporâneo de retomada do Tupi Potiguara no litoral norte da Paraíba. O estudo integra uma agenda de pesquisa desenvolvida no projeto “Contextos das traduções e dos Estudos da Tradução Literária no Brasil: agentes, ações e estilo” e articula-se às ações de extensão do projeto “Saberes Tradutórios com Saberes Potiguara”, desenvolvido em território Potiguara, no município de Marcação (PB). O estudo possui caráter documental, exploratório e descritivo-interpretativo, articulando pesquisa documental e perspectiva historiográfica da tradução. O levantamento, toma como recorte as traduções produzidas no processo contemporâneo de retomada linguística e organiza os dados a partir das dimensões demandas e contextos de tradução, agentes e formas de colaboração, e recursos linguísticos e educacionais produzidos. Os resultados iniciais mostram que a tradução participa da ampliação dos espaços de circulação do Tupi, abrangendo materiais didáticos, textos literários e acadêmicos, canções, documentos comunitários, sinalização territorial e conteúdos digitais. Embora o corpus localizado apresente registros a partir de 2018, há relatos de práticas tradutórias desde o início da retomada, por volta dos anos 2000, que, embora ainda não incorporadas ao corpus, foram importantes para criar condições para produções posteriores. Os dados indicam, ainda, que as traduções são construídas principalmente de forma colaborativa e respondem a demandas educacionais, culturais e comunitárias, contribuindo para a formação de agentes, a produção de novos recursos linguísticos e a ampliação dos usos contemporâneos do Tupi.

PALAVRAS-CHAVE: Retomada linguística. Tupi Potiguara. Historiografia da Tradução.

ABSTRACT: This article analyzes the role of translation in the production and circulation of knowledge in the contemporary process of reclaiming Potiguara Tupi on the northern coast of Paraíba, Brazil. The study is part of a research agenda developed within the project “Contexts of Translation and Literary Translation Studies in Brazil: Agents, Practices, and Style” and is articulated with the extension project “Translation Knowledge with Potiguara Knowledge”, carried out in Potiguara territory in the municipality of Marcação, Paraíba. The study is documentary, exploratory, and descriptive-interpretive, combining documentary research and a historiographical perspective on translation. The survey focuses on translations produced within the contemporary process of language reclamation and organizes the data around three dimensions: translation demands and contexts; agents and forms of collaboration; and linguistic and educational resources produced. The initial results

show that translation contributes to expanding the spaces in which Tupi circulates, encompassing teaching materials, literary and academic texts, songs, community documents, territorial signage, and digital content. Although the corpus identified in the study contains records dating from 2018 onward, there are accounts of translation practices dating back to the beginning of the reclamation process, around the 2000s. Although these early productions have not yet been incorporated into the corpus, they were important in creating conditions for subsequent productions. The findings also indicate that translations are mainly produced collaboratively and respond to educational, cultural, and community demands, contributing to the training of agents, the development of new linguistic resources, and the expansion of contemporary uses of Tupi.

KEYWORDS: Language reclamation. Potiguara Tupi. Translation Historiography.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Este artigo investiga como a tradução tem contribuído para a retomada e a ampliação do uso do Tupi Potiguara no litoral norte da Paraíba. A pesquisa integra o projeto “Contextos das traduções e dos Estudos da Tradução Literária no Brasil: agentes, ações e estilo” e articula-se às ações de extensão do projeto “Saberes Tradutórios com Saberes Potiguara”, desenvolvido em território Potiguara, no município de Marcação (PB). O estudo reúne e analisa materiais produzidos no processo contemporâneo de retomada da língua, buscando compreender em que situações a tradução é utilizada, quem participa dessas atividades e quais recursos são produzidos. Os primeiros resultados mostram que a tradução amplia os espaços de uso do Tupi Potiguara, presente em materiais didáticos, textos literários e acadêmicos, canções, documentos comunitários, sinalização territorial e conteúdos digitais. Embora esses materiais apresentem registros principalmente a partir de 2018, há relatos de práticas tradutórias desde o início da retomada, por volta dos anos 2000. Esses primeiros materiais foram importantes para criar condições para produções posteriores. Os dados indicam também que as traduções são realizadas para atender a demandas educacionais, culturais e comunitárias, contribuindo para a formação de agentes e a ampliação dos usos contemporâneos do Tupi.

Introdução

Os processos contemporâneos de retomada de línguas indígenas colocam questões que ultrapassam a preservação de registros linguísticos. Quando uma língua deixa de ser utilizada como meio de comunicação cotidiana e passa a ser objeto de iniciativas de retomada, surgem desafios relacionados à reconstrução de repertórios linguísticos, à produção de materiais, à formação de novos usuários e à criação de condições para que a língua possa, progressivamente, desempenhar diferentes funções sociais. Essa reconstrução envolve a recuperação de vocabulário, formas de expressão e estruturas linguísticas disponíveis, bem como a elaboração de terminologias e outros recursos necessários aos novos contextos de uso. No caso dos Potiguara do litoral norte da Paraíba, esse processo envolve o Tupi, denominado Tupi Antigo por Navarro (1998; 2013) e Tupi Potiguara em trabalhos recentes produzidos no contexto da retomada linguística, como Silva (2024), Cabral (2024) e Costa; Lima; Falcão (2025).

A retomada do Tupi ocorre em um contexto de recriação de espaços de circulação e uso da língua. As lideranças indígenas, a escola, as atividades culturais, os projetos comunitários e as iniciativas de pesquisa e extensão contribuem para a reconstrução de práticas que haviam sido interrompidas ou enfraquecidas, criando situações em que se torna necessário produzir materiais, explicar conceitos, registrar usos, formar professores e tradutores e desenvolver recursos capazes de responder às demandas atuais da comunidade.

É nesse contexto que a tradução, entendida como mediação intercultural, passa a interessar a este estudo. Sua presença nas iniciativas de retomada do Tupi não se limita aos textos produzidos em uma língua e posteriormente traduzidos para outra. As práticas tradutórias identificadas envolvem pessoas, instituições e situações distintas, nas quais se definem os textos que serão traduzidos, os interlocutores envolvidos, os modos de elaboração das versões e os espaços em que elas circularão. Interessa, portanto, compreender a tradução a partir das relações que se estabelecem em torno de sua realização e dos usos atribuídos aos textos produzidos. Que agentes participam dessas práticas? Que materiais são traduzidos e em quais situações? Quais são as razões que levam à realização dessas traduções? Como as diferentes soluções são construídas, discutidas e eventualmente modificadas? E que relações se estabelecem, nesse processo, entre comunidade, escola e universidade?

A questão que orienta o estudo, portanto, é de que modo a tradução pode atuar como prática intercultural na articulação entre saberes Potiguara, educação e retomada linguística? O objetivo geral é analisar o papel da tradução na produção e circulação de saberes no contexto contemporâneo de retomada do Tupi Potiguara, com atenção às relações estabelecidas entre território, educação, agentes tradutórios e universidades. Como objetivos específicos, busca-se identificar demandas tradutórias relacionadas à recriação de espaços e práticas de uso do Tupi; discutir o papel de tradutores, professores, lideranças e outros agentes na construção das soluções linguísticas; analisar a produção colaborativa de materiais bilíngues e recursos terminológicos; e discutir a tradução como espaço de mediação entre diferentes repertórios de conhecimento.

O artigo integra uma agenda de pesquisa desenvolvida no projeto “Contextos das traduções e dos Estudos da Tradução Literária no Brasil: agentes, ações e estilo”, vinculado à linha Tradução e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. O projeto possui três eixos, sendo o segundo dedicado a tradutores, traduções e contextos históricos de produção e circulação, incluindo pesquisas sobre tradução e fortalecimento linguístico do Tupi Potiguara. Um dos planos de trabalho associados a esse eixo prevê, entre outras atividades, a coleta e sistematização de documentos e materiais, o levantamento e a catalogação de traduções e agentes tradutórios vinculados ao Tupi Potiguara e a análise historiográfica de tradutores, traduções e contextos históricos, respondendo às questões propostas por D’Hulst (2001). Essa agenda de pesquisa se

articula, por sua vez, ao projeto de extensão “Saberes Tradutórios com Saberes Potiguara”, desenvolvido em território Potiguara, no município de Marcação (PB). A ação tem entre seus objetivos a formação de tradutores e o fortalecimento de iniciativas educacionais relacionadas à retomada linguística.

Nas seções seguintes, discutimos inicialmente a relação entre tradução, interculturalidade e revitalização linguística. Em seguida, apresentamos o contexto da pesquisa e as escolhas metodológicas. A análise concentra-se nas novas demandas comunicativas produzidas pela retomada do Tupi, na produção de recursos linguísticos e educacionais e nas formas colaborativas de construção e validação das soluções tradutórias. Por fim, discutimos em que sentido essas práticas podem ser compreendidas como formas de produção e circulação de saberes no território Potiguara.

1 Tradução, Interculturalidade e Retomada Linguística

A tradução ocupa uma posição particular em contextos de diversidade linguística e pode adquirir funções específicas em processos de retomada e revitalização de línguas minoritárias (Belmar, 2017). Em uma perspectiva ampla dos Estudos da Tradução, ela pode ser compreendida como uma prática cultural e histórica, constituída em meio à atuação de diferentes agentes, instituições e relações sociais (Bassnett, [1980] 2002; Venuti, 1995; Toury, 2012, entre outros). Dessa forma, a tradução estabelece relações entre línguas e culturas e participa da circulação de conhecimentos, discursos e formas de representação podendo ser tomada como objeto de investigação histórica.

D’Hulst (2001) chama atenção para a necessidade de escrever histórias da tradução considerando tanto os textos traduzidos quanto as condições em que as traduções foram produzidas, os agentes envolvidos, as instituições e as finalidades que orientaram essas práticas. Delisle e Woodsworth ([1995] 2003), por sua vez, mostram que tradutores e outras figuras relacionadas à tradução participaram, e ainda participam, em diferentes períodos, do desenvolvimento de línguas e de literaturas nacionais, da difusão de religiões e de conhecimento, bem como da transmissão de valores culturais, como explicitados nos capítulos de seu livro *Os tradutores na história* (2003).

No caso de línguas em processo de revitalização, essa discussão ganha uma dimensão particularmente concreta: a tradução pode participar da criação de materiais e da introdução de novos conceitos, registros e formas de expressão na língua. Belmar (2017), por exemplo, ao discutir o caso do basco, mostra como essas práticas podem ampliar os horizontes de uso da língua e contribuir para seu processo de revitalização.

A literatura sobre revitalização linguística também ajuda a compreender esse contexto. Hinton, Huss e Roche (2018) destacam que processos de revitalização não se limitam à documentação ou preservação de formas linguísticas existentes. Eles envolvem a ampliação dos espaços sociais de uso, a formação de novos usuários e a criação de condições para que a língua responda a necessidades comunicativas atuais. Quando uma língua começa a ocupar novos domínios, surgem, inevitavelmente, demandas para as quais os repertórios disponíveis podem ser insuficientes ou precisar de reorganização.

No contexto específico dos Potiguara, Cabral (2024) analisa a tradução em sua relação com a revitalização linguística, com atenção à criação de neologismos em contextos didáticos, literários e virtuais. O estudo mostra que traduzir conceitos científicos, tecnológicos, administrativos, escolares ou institucionais implica lidar com situações para as quais os repertórios do Tupi Antigo disponíveis podem não oferecer soluções imediatamente utilizáveis. Neste artigo, essa discussão é ampliada a partir da atenção às práticas, aos agentes e aos contextos em que as soluções tradutórias são construídas, discutidas e colocadas em circulação, considerando as relações estabelecidas entre comunidade, escola e universidade.

2 O Contexto Potiguara e a Retomada do Tupi

A história recente da retomada do Tupi entre os Potiguara é fundamental para compreender as práticas de tradução em seu contexto histórico e sociocultural. Conforme indicam as fontes mobilizadas nos projetos de pesquisa e extensão que orientam este estudo, diferentes iniciativas têm contribuído para a retomada da língua e para sua inserção em espaços educacionais, culturais e institucionais (Assis; Potiguara; Navarro, 2025; Cabral, 2024, entre outros). Esse processo se desenvolve após um longo período de interrupção do uso cotidiano da língua, relacionado a processos coloniais e a políticas de assimilação, entre elas as reformas implementadas no século XVIII sob a administração de Marquês de Pombal. Nesse contexto, as determinações da Coroa portuguesa, formalizadas no *Diretório dos Índios*, estabeleceram a adoção do português nas povoações indígenas e restringiram o uso das línguas indígenas e da chamada língua geral (PORTUGAL, 1757, § 6), conforme se observa na passagem a seguir:

Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da Língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe. Observando pois todas as Nações polidas do Mundo, este prudente, e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da Língua, que chamaram

geral; invenção verdadeiramente abominável, e diabólica, para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservavam. Para desterrar esse perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores, estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e as Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa, na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual, e Temporal do Estado.

A esse processo somaram-se, ao longo do tempo, outras formas de apagamento linguístico e cultural associadas à atuação de diferentes instâncias estatais e econômicas (Moonen; Maia, 2008a; Moonen; Maia, 2008b; Cabral, 2024; Maria, 2024). A documentação histórica mostra que o adormecimento da língua esteve articulado a processos mais amplos de ocupação e expropriação territorial, às políticas de assimilação e à atuação de agentes econômicos na região. Registre-se que, embora relatórios do Serviço de Proteção aos Índios reunidos por Moonen e Maia (2008a; 2008b) indiquem, nas primeiras décadas do século XX, a perda progressiva do uso da língua entre os Potiguara, os atuais usuários preferem compreendê-la como uma língua que permaneceu adormecida, e não perdida, uma vez que conhecimentos e memórias linguísticas permaneceram na comunidade e deixaram marcas na própria língua portuguesa. Esses mesmos relatórios documentavam a ocupação progressiva de suas terras por particulares e pela Companhia de Tecidos Rio Tinto, a qual exercia, por meio de coerção e violência, controle político na região fazendo com que os indígenas ocultassem sua língua, identidade e cultura como estratégia de sobrevivência. Nas décadas seguintes, os conflitos territoriais permaneceram associados à exploração econômica da área, incluindo o arrendamento de terras indígenas para o cultivo de cana-de-açúcar. A retomada do Tupi integra, portanto, um movimento mais amplo de recuperação linguística e de reafirmação da identidade Potiguara, associado à autonomia epistêmica (Smith, 2018), à valorização da memória e ao fortalecimento da presença do povo no território, em resposta a esses processos históricos de homogeneização que afetaram os povos indígenas.

A própria denominação da língua evidencia uma questão historiográfica. Eduardo de Almeida Navarro, pesquisador do Tupi e figura importante nos esforços iniciais de revitalização dessa língua entre os Potiguara (Assis; Potiguara; Navarro, 2025), utiliza a expressão Tupi Antigo para designar a língua indígena clássica dos dois primeiros séculos do período colonial. Por sua vez, trabalhos recentes publicados pela própria comunidade no âmbito da retomada linguística Potiguara (Silva, 2024; Cabral, 2024, entre outros) adotam a denominação Tupi Potiguara. Essa denominação também obteve reconhecimento institucional com a aprovação, pela Câmara Municipal de Rio Tinto, na Paraíba, da Lei Municipal n.º 1.263/2026, sancionada em 6 de julho de 2026, que reconhece o Tupi Potiguara e a Língua Indígena Potiguara de Sinais como línguas cooficiais no território indígena de

Monte Mor, em igualdade de direitos e garantias com a língua portuguesa (Rio Tinto, 2026). Não se trata, aqui, no entanto, de definir qual denominação seria a mais adequada, pois a coexistência dessas expressões revela diferentes formas de compreender a língua e indica que ela vem sendo reinterpretada a partir de necessidades e perspectivas históricas distintas. A opção pela denominação Tupi Potiguara também pode ser entendida como uma forma de reafirmação do povo Potiguara e de sua relação com a língua. O nome estabelece uma relação direta entre língua e povo, destacando sua dimensão identitária e seu vínculo com a história e a cultura Potiguara contemporânea. Assim, a escolha dessa denominação ultrapassa a questão terminológica e participa do processo de retomada e afirmação da identidade do povo Potiguara.

O projeto de pesquisa “Contextos das traduções e dos Estudos da Tradução Literária no Brasil: agentes, ações e estilo” (Universidade Federal da Paraíba, 2026a), no qual este artigo se afilia, assume essa dimensão contextual. Seu segundo eixo concentra-se nos tradutores, nas traduções e nos contextos históricos de produção e circulação, incluindo explicitamente investigações sobre tradução e fortalecimento linguístico do Tupi Potiguara. A metodologia prevista inclui análise documental, pesquisa historiográfica e levantamento de traduções produzidas para o Tupi, com identificação de gêneros, objetivos comunicativos, agentes e contextos de circulação.

Já o projeto de extensão “Saberes Tradutórios com Saberes Potiguara” (Universidade Federal da Paraíba, 2026) constitui um espaço de formação e de prática tradutória. Em sua segunda edição, o projeto é desenvolvido no município de Marcação (PB), em escolas indígenas e em outros espaços comunitários definidos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Participam das atividades professores de Tupi, tradutores, estudantes, lideranças indígenas e outros membros das comunidades Potiguara. A proposta contempla a formação dos atuais professores de Tupi para a prática da tradução, por meio de oficinas, elaboração de glossários e constituição de *corpora* de textos traduzidos. O trabalho parte do entendimento de que o domínio de uma língua, mesmo quando acompanhado da experiência docente, não implica necessariamente o domínio da prática tradutória. A tradução requer habilidades e conhecimentos específicos, articulados em diferentes subcompetências que, em conjunto, constituem a competência tradutória (PACTE, 2003).

3 Pesquisa, Extensão e Caminhos Metodológicos

O presente estudo possui caráter documental, exploratório e descritivo-interpretativo, articulando procedimentos de pesquisa documental a uma perspectiva historiográfica da tradução. O corpus é constituído por documentos e materiais traduzidos relacionados ao Tupi Potiguara, reunidos e sistematizados para a identificação e análise das práticas de tradução e de sua circulação em

diferentes contextos de uso da língua. Informações contextuais provenientes das atividades de extensão e o conhecimento situado do segundo autor sobre os processos de tradução são utilizados de forma complementar à análise dos materiais identificados.

O corpus do estudo é constituído por materiais traduzidos e publicados no contexto da retomada do Tupi Potiguara, selecionados por apresentarem circulação pública que ultrapassa os espaços de uso e divulgação restritos à própria comunidade indígena. Integram o corpus, portanto, materiais que alcançaram diferentes espaços de circulação, como publicações acadêmicas, obras literárias, produções musicais, materiais didáticos e conteúdos disponibilizados em meios digitais e eventos públicos. O levantamento apresentado neste artigo reúne os materiais identificados como pertinentes ao recorte da pesquisa, considerando os objetivos e o período abrangidos pela análise.

O recorte temporal parte das iniciativas de retomada desenvolvidas a partir dos anos 2000 e considera as traduções para o Tupi Potiguara produzidas no âmbito desse processo de retomada e revitalização linguística, excluindo-se materiais produzidos para outros contextos de uso do Tupi Antigo, ainda que possam constituir fontes para a retomada contemporânea.

Essa opção metodológica aproxima-se da historiografia da tradução proposta por D'Hulst (2001), na medida em que considera a prática tradutória em seu contexto e procura reconstruir as relações entre agentes, textos, instituições e finalidades. Também dialoga com Delisle e Woodsworth (1995), ao deslocar a atenção para os sujeitos que participam dos processos de mediação e para os efeitos culturais de suas ações.

Do ponto de vista analítico, os dados foram organizados em três dimensões: demandas e contextos de tradução; agentes e formas de colaboração; e recursos linguísticos e educacionais produzidos. O artigo apresenta uma seleção do material identificado e em processo de sistematização, escolhida de modo a evidenciar diferentes práticas tradutórias relacionadas à retomada contemporânea do Tupi Potiguara. Essa organização retoma as questões formuladas por D'Hulst (2001) para a investigação historiográfica da tradução: *Quis?* (Quem traduz?); *Quid?* (O que se traduz?); *Ubi?* (Onde circulam esses textos?); *Quibus auxilium?* (Quem ajuda?); *Cur?* (Por que traduzir?); *Quo modo?* (De qual maneira?); *Quando?* (Quando?); *Cui bono?* (A quem essas produções servem e beneficiam?). Essas questões orientam a leitura do material segundo os sujeitos envolvidos, os textos produzidos, os espaços de circulação, as motivações, os modos de produção e os públicos a que se destinam, permitindo relacionar as práticas tradutórias às demandas educacionais, culturais e comunitárias que acompanham a retomada do Tupi Potiguara.

Posicionamento dos pesquisadores: A pesquisa é desenvolvida no âmbito de projetos de pesquisa e extensão coordenados pelo primeiro autor, que também atua como orientador do segundo autor. O segundo autor é indígena Potiguara e atualmente atua como professor da Secretaria de

Educação do Estado da Paraíba. Sua dissertação, intitulada “Práticas linguísticas em Tupi Potiguara: levantamento de materiais em contexto de revitalização”, vem sendo desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa, e sua participação no projeto de extensão o envolve diretamente nas atividades realizadas junto a professores de Tupi e outros participantes. Essa inserção em diferentes frentes de pesquisa e extensão aproxima os pesquisadores das práticas de tradução, formação e produção de materiais publicados por indígenas Potiguara. Tal posição foi considerada na interpretação dos dados, especialmente na análise das práticas colaborativas de tradução e das relações estabelecidas entre universidade, escola e comunidade.

4 Tradução, retomada e resistência: resultados iniciais do levantamento

O levantamento documental realizado no âmbito da pesquisa e extensão, permite identificar diferentes posições ocupadas pela tradução no processo contemporâneo de retomada do Tupi Potiguara. A tradução aparece associada à produção de materiais didáticos, à elaboração de textos de circulação cultural, à criação de recursos lexicais e terminológicos e à formação de novos usuários da língua. Ela aparece, também, em práticas como a tradução de canções do Toré, de obras literárias, de textos acadêmicos e de materiais destinados à circulação em eventos e redes sociais. Esses usos indicam que o ato de traduzir, no contexto analisado, pode ser relacionado à ampliação dos espaços de circulação do Tupi e à criação de condições para que a língua responda a demandas comunicativas contemporâneas.

Um exemplo dessa produção autoral é o livro didático distribuído pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, *Tupi Potiguara Kuapa: conhecendo a língua Tupi Potiguara*. Trata-se de uma produção coletiva organizada por José Romildo Araújo da Silva, conhecido como Romildo Guyraakanga Potiguara, com a colaboração de professores de Tupi Potiguara, também integrantes do povo Potiguara (Silva, 2024). Como já apontado na análise de Cabral (2024), a obra revela uma mudança nos modos de circulação dos saberes linguísticos, à medida que os materiais destinados ao ensino passam a incorporar textos produzidos por educadores indígenas e a refletir demandas do próprio povo Potiguara. No livro, a tradução aparece em diferentes partes da obra, que reúne textos bilíngues, expressões, vocabulário temático e vocabulário Tupi-Português, além de adaptações e traduções de materiais provenientes de outras fontes. Há, portanto, uma variedade de textos e situações em que o português e o Tupi são colocados em relação, fazendo da tradução um dos procedimentos presentes na organização do material didático. A tradução integra esse movimento ao favorecer a produção, a seleção e a organização de conteúdos em Tupi pelos próprios indígenas, contribuindo para ampliar a circulação da língua no território e nos espaços educacionais.

Outro exemplo de ampliação dos espaços de circulação do Tupi Potiguara encontra-se na tradução literária e dramática. A obra *Tybyra: uma tragédia indígena brasileira*, de João Nyn (Nyn, 2025), retoma a história de Tibira, indígena Tupinambá executado no Maranhão no século XVII, e articula esse episódio histórico a questões relacionadas à violência colonial, à memória indígena e às dissidências sexuais e de gênero. A peça recebeu uma edição bilíngue em português e Tupi Potiguara, com tradução de Romildo Guyraakanga Potiguara e revisão de Diego Akanguasu Potiguara Ibirapi. Embora o texto de partida seja em português, a edição apresenta o texto em Tupi Potiguara em primeiro lugar, seguido da versão em português, conferindo à língua uma posição de destaque na organização da obra. Publicada pelo Selo do Burro e relacionada à circulação da obra na temporada teatral de 2025, a tradução constitui um exemplo de produção literária contemporânea que coloca o Tupi em um domínio de uso distinto daqueles relacionados ao ensino da língua. A tradução de uma obra dramática envolve ainda questões específicas relacionadas à construção das falas, à oralidade e à possibilidade de sua realização em cena.

Outro espaço em que a tradução para o Tupi Potiguara vem ganhando lugar é a produção acadêmica. No Repositório Institucional da Universidade Federal da Paraíba, identificam-se dissertações que apresentam, além do resumo em português e do *abstract* em inglês, uma versão em Tupi, geralmente intitulada *Mimomirĩ* (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, [s. d.]). Essa prática pode ser documentada pelo menos desde 2018, com a dissertação de Iranilza Cinesio Gomes Felix, e aparece também em trabalhos de 2023, 2024 e 2025, relacionados a temas como educação, religião, saúde e léxico. A inserção do *Mimomirĩ* no paratexto das dissertações amplia os espaços de circulação do Tupi no ambiente universitário e envolve a elaboração de formas para apresentar conceitos e resultados de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. No caso da dissertação de Felix (2018), a participação de José Romildo Araújo da Silva Guiraakanga Potiguara na elaboração do resumo evidencia ainda a presença de agentes indígenas nesse processo tradutório. Essa prática também aparece em espaços acadêmicos de circulação da tradução, como o ENTRAD – Encontro Nacional de Tradutores, da Associação Brasileira de Pesquisa em Tradução (ABRAPT), realizado em 2025, em Salvador (BA). Na programação do evento, o Grupo de Trabalho “O Brasil em tradução: questões afro-indígenas, sociais, políticas em modo de resistência” apresentou um resumo em Tupi, intitulado *Pindorama nhe’emonhangaba pupé: tapy’yiunabaeté, abatyba, tubixaba mba’e resé nherandaba pupé* (ABRAPT, 2025).

A circulação da língua se amplia ainda por meio de espaços digitais, como o perfil @danilo.s68 no Instagram, de Danilo Soares, professor de Tupi, que compartilha conteúdos relacionados à língua e ao seu ensino, contribuindo para sua circulação em espaços digitais (Soares, [s. d.]).

A música também constitui espaço de circulação cultural contemporânea. Na produção, *Akajú do Norte*, disponível no *Youtube* e em outras mídias, Clara Potiguara incorpora um trecho em Tupi Potiguara que retoma o lema do povo Potiguara: “A gente nasce, a gente vive, a gente morre, mas nosso povo viverá nesta terra para sempre”. Embora se saiba que o trecho corresponde à tradução do lema, sua autoria não é identificada na produção: “*Asé o-‘ar / Asé o-ikobé / Asé o-manõ / Yandé anama te / Oikobé kó ybype / Auieramanhêne*” (Clara Potiguara, 2024). Em 2025, o repertório do Toré Potiguara da Paraíba ganhou circulação fonográfica com o lançamento do álbum *Toré Potiguara da Paraíba (Lado A)*, de Povo Potiguara, que reúne nove músicas, com duração total de 37 minutos, como “*Kamusí Potiguara – Xe aikó xe rókye*”, “*Potiguara iandé retama*” e “*Caboculinho Potiguara*” (Povo Potiguara, 2025). O álbum encontra-se disponível na *Amazon Music*, e *Spotify* ampliando as possibilidades de acesso e circulação dessas produções musicais para além dos espaços diretamente vinculados à comunidade Potiguara. O projeto também conta com um *e-book* ilustrado que reúne letras em Tupi e português, ampliando a circulação desse repertório para além da performance musical. A dimensão tradutória também pode ser observada na música *Asé*, lançada em 2024 no álbum *Nhe'etimbó*, de João Nyn, em colaboração com Clara Potiguara e Válber Félix (Nyn; Potiguara; Félix, 2024), disponível no *Youtube*, *Spotify* e outras mídias. Gravada na Aldeia Forte, em Baía da Traição (PB), a faixa é cantada em Tupi Potiguara e também retoma o lema do povo Potiguara.

A análise dos agentes envolvidos reforça a dimensão coletiva da tradução. Professores de Tupi, tradutores, estudantes, lideranças e pesquisadores frequentemente participam, em diferentes momentos, da discussão das soluções tradutórias e da elaboração dos materiais. A tradução de materiais culturais já aparece em Cabral (2024) como um dos contextos em que as demandas da revitalização linguística produzem questões específicas para o trabalho tradutório. As traduções de canções do Toré acrescentam outra dimensão a essa discussão. Um exemplo é o projeto *Kaá rerekoareta Potiguara – Fortalecendo a língua Tupi!*, coordenado pelo professor de Tupi Helson Rerekoara, que reúne e divulga canções do Toré em versões em Tupi e em português. O projeto também amplia a circulação desses materiais por meio de plataformas digitais, entre elas o perfil mantido no *Instagram*, no qual são divulgadas imagens e conteúdos relacionados às ações de fortalecimento da língua (Kaá rerekoareta Potiguara, 2026). O material *Os Guardiões da Mata – 2025* apresenta, lado a lado, as versões nas duas línguas, incluindo cantos como *Kamusí Kuatiasara*, *Jurema Kurusu Ybýpe* e *Potiguara Guarini*. No caso das canções, a cantabilidade constitui uma dimensão relevante das traduções para o Tupi, uma vez que as versões produzidas precisam considerar a possibilidade de articulação dos versos com a estrutura melódica. Essa característica

evidencia que as traduções respondem a finalidades específicas de uso da língua e articulam aspectos linguísticos, culturais e formais próprios dos materiais produzidos.

Finalmente, a presença do Tupi também pode ser observada na sinalização do território, o que amplia os espaços de circulação da língua para além dos materiais escritos destinados ao ensino, à produção acadêmica ou às manifestações culturais. Na Aldeia Brejinho, uma placa de orientação instalada às margens da Rodovia Estadual PB-041 utiliza o Tupi na identificação de um lugar de importância para a comunidade e pessoas que transitam pela região. Uma delas apresenta a denominação “*Taba Arekumirĩ Ybykaraíba*”, acompanhada da indicação “Terreiro Sagrado da Aldeia Brejinho”, além da informação sobre a distância até o local. Trata-se, portanto, de uma prática que contribui para tornar a língua visível na paisagem e para associá-la a espaços concretos de circulação e uso.



Figura 1: Placa de sinalização em Tupi Potiguara na Aldeia Brejinho, indicando o Terreiro Sagrado da Aldeia
 Texto contido na placa de sinalização: *TABA AREKUMIRI YBYKARAIBA 100M KÉ SUI / TERREIRO SAGRADO DA ALDEIA BREJINHO A 100M*
 Fonte: Acervo da Pesquisa

Esses exemplos permitem reconhecer que a tradução participa de diferentes frentes da retomada contemporânea do Tupi Potiguara, envolvendo materiais, espaços de circulação, finalidades e formas diversas de participação. O levantamento mostra, assim, que compreender essas práticas exige considerar as condições em que as traduções são produzidas e os sujeitos que participam de sua elaboração, bem como os textos escolhidos, os espaços em que circulam e os usos a que se destinam. A partir deste ponto, passamos, portanto, a responder às perguntas formuladas por D’Hulst (2001), tomando-as como eixo para organizar e interpretar os dados levantados:

Quis? Quem traduz? O levantamento aponta para a participação principalmente de professores de Tupi, tradutores, estudantes, pesquisadores e outros agentes Potiguara, com diferentes níveis de formação e experiência. Entre os agentes identificados, destaca-se José Romildo Araújo da Silva Guyraakanga Potiguara, cuja atuação aparece de forma recorrente em diferentes materiais reunidos

no levantamento, incluindo *Tupi Potiguara Kuapa*, a tradução de *Tybyra: uma tragédia indígena brasileira* e traduções de textos acadêmicos e outros materiais de circulação pública. Essa recorrência evidencia sua participação em diferentes frentes de produção e circulação do Tupi Potiguara e permite reconhecê-lo como um dos principais agentes tradutórios identificados nesta etapa da pesquisa. A identificação dos tradutores, contudo, nem sempre é possível, uma vez que muitas das traduções localizadas não apresentam indicação de autoria. Essa ausência de identificação pode ser analisada, neste estudo, à luz da discussão de Venuti (1995) sobre a invisibilidade da tradução e do tradutor, especialmente nos casos em que o trabalho tradutório não é explicitado na apresentação dos materiais. No caso analisado, essa ausência de identificação também pode estar relacionada ao caráter coletivo de algumas produções, nas quais a elaboração, discussão e revisão das traduções envolvem diferentes participantes, como apontado por Cabral (2024).

Quid? O que é traduzido? As traduções identificadas no levantamento estão relacionadas à retomada do Tupi e à ampliação de seus espaços de uso e circulação, abrangendo materiais destinados ao ensino, à produção e circulação de conhecimentos, às manifestações culturais e à presença da língua em diferentes espaços do território e sua presença em espaços que alcançam públicos para além das comunidades indígenas. Esses materiais podem ser organizados nas seguintes categorias:

Materiais pedagógicos e didáticos: Compreendem o livro *Tupi Potiguara Kuapa*, que reúne textos bilíngues, expressões, vocabulário temático, vocabulário Tupi-Português, adaptações e traduções de materiais provenientes de outras fontes. Esses materiais estão diretamente relacionados ao ensino do Tupi e à formação de novos usuários da língua, além de contribuírem para a produção e organização de conteúdos pelos próprios Potiguara.

Textos literários e dramáticos: Incluem a tradução para o Tupi Potiguara da obra *Tybyra: uma tragédia indígena brasileira*, de João Nyn, realizada por Romildo Guyraakanga Potiguara e revisada por Diego Akanguasu Potiguara Ibirapi. A tradução amplia os espaços de uso da língua para a produção literária e teatral e coloca o Tupi em relação com práticas de oralidade e de realização cênica.

Textos acadêmicos e produção científica: Abrangem os *Mimomirĩ* que acompanham dissertações produzidas na UFPB, com registros desde 2018, além de ocorrências em trabalhos de 2023, 2024 e 2025 e de um resumo em Tupi produzido para um Grupo de Trabalho do ENTRAD, realizado em 2025. Essas traduções inserem o Tupi no ambiente universitário e possibilitam sua utilização na apresentação de pesquisas e conhecimentos de diferentes áreas.

Canções do Toré e produção musical: Compreendem as traduções de canções do Toré trabalhadas no projeto *Kaarerekoareta Potiguara – Fortalecendo a língua Tupi!*, bem como produções musicais de Clara Potiguara. O material *Os Guardiões da Mata – 2025* apresenta versões

em Tupi e português de diferentes cantos, enquanto o projeto *Toré Potiguara da Paraíba (Lado A)* reúne faixas em Tupi e um *e-book* com letras nas duas línguas. Em *Akajú do Norte* e em *Asé* também aparecem a retomada, em tradução, do lema do povo Potiguara.

Sinalização territorial: Inclui placas de orientação e identificação de lugares no território Potiguara, como a placa localizada à margens da Rodovia PB 041, que apresenta a denominação *Taba Arekumirĩ Ybykaraíba* para o Terreiro Sagrado da Aldeia. Nesse caso, o Tupi passa a integrar a paisagem do território e a identificação de lugares de referência para a comunidade.

Conteúdos digitais e redes sociais: Abrangem conteúdos relacionados à língua e ao seu ensino divulgados em redes sociais, como os materiais compartilhados pelo professor de Tupi Danilo Soares no perfil *@danilo.s68* ou em outras plataformas digitais como *Amazon Music*, *Youtube*, *Spotify*. Esses espaços ampliam a circulação do Tupi para ambientes digitais e permitem sua presença em formas contemporâneas de comunicação.

Ubi? Onde essas traduções circulam? O levantamento mostra que as traduções para o Tupi Potiguara circulam em diferentes espaços relacionados à educação, à produção de conhecimentos, às práticas culturais e à vida comunitária. Elas estão presentes em escolas e materiais didáticos, em trabalhos acadêmicos e eventos científicos, em livros e produções literárias, em canções e práticas culturais e na sinalização do território, além de redes sociais e outros espaços digitais.

Quibus auxiliis? Com que auxílio? A retomada do Tupi pode ser compreendida no contexto do fortalecimento do protagonismo indígena, que ganhou maior visibilidade a partir da década de 1970 (Bicalho, 2010), e de um conjunto de marcos legais que passaram a oferecer respaldo às reivindicações e iniciativas relacionadas às línguas indígenas. Entre esses marcos, destaca-se a Constituição Federal (Brasil, 1988), que estabelece, em seu art. 210, § 2º, que fica “assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. No caso dos Potiguara, esse protagonismo pode ser observado desde o início das ações de revitalização desenvolvidas no século XXI, quando uma associação de mulheres Potiguara da cidade de Baía da Traição (PB) procurou o professor Eduardo Navarro e o convidou a iniciar um trabalho de recuperação do Tupi na comunidade. Segundo Navarro, o primeiro contato foi feito por Luciene Araújo, então presidente da associação, que o convidou a vir à Paraíba para dar início ao projeto, em 2000; no ano seguinte, Navarro passou a formar professores de Tupi entre os Potiguara, permanecendo na Baía da Traição (PB) durante o primeiro semestre de 2001 e ministrando também algumas aulas em Marcação (PB) (Assis; Potiguara; Navarro, 2025). Atualmente, a revitalização do Tupi, que inclui também os processos tradutórios, ocorre com o apoio de diferentes agentes e instituições. Além desse protagonismo Potiguara, participam desse processo professores e pesquisadores das universidades como a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal da

Paraíba, a Universidade Federal de Campina Grande e a Universidade Estadual da Paraíba, bem como o Governo do Estado da Paraíba e os governos de municípios que integram o território Potiguara, como Marcação, Baía da Traição e Rio Tinto. Vale destacar também que a revitalização linguística encontra respaldo no reconhecimento internacional dos direitos dos povos indígenas. A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (ONU, 2007) estabelece, em seu art. 13, que “os povos indígenas têm o direito de revitalizar, utilizar, desenvolver e transmitir às gerações futuras suas histórias, idiomas, tradições orais, filosofias, sistemas de escrita e literaturas, e de atribuir nomes às suas comunidades, lugares e pessoas e de mantê-los”.

Cur? Por quê? O levantamento permite compreender que as traduções para o Tupi Potiguara estão relacionadas ao processo de retomada linguística e às condições necessárias para ampliar os espaços de uso da língua. As motivações que podem ser identificadas nos materiais analisados articulam duas dimensões complementares. De um lado, a tradução contribui para a afirmação da presença Potiguara e da continuidade da língua, ao inserir o Tupi em materiais didáticos, produções culturais, textos acadêmicos, sinalizações territoriais e espaços digitais. A presença da língua nesses diferentes espaços amplia sua visibilidade e participa de um processo mais amplo de reafirmação da identidade e da relação do povo com seu território. De outro lado, a tradução responde a demandas internas de formação, educação e autonomia, uma vez que a produção de materiais em Tupi cria condições para seu ensino, para a formação de novos usuários e para a elaboração de conteúdos relacionados às experiências e aos conhecimentos contemporâneos da comunidade.

Quomodo? Como? O levantamento indica que a produção das traduções envolve diferentes procedimentos e formas de participação, que variam de acordo com os materiais e com as situações em que são produzidos. Entre esses procedimentos estão a consulta a fontes históricas e contemporâneas, a participação de diferentes agentes e, em alguns casos, a discussão coletiva durante a elaboração dos materiais. A organização dos textos também constitui uma escolha relevante. Na tradução de *Tybyra: uma tragédia indígena brasileira*, por exemplo, o texto em Tupi Potiguara é apresentado antes da versão em português. Essa disposição pode ser relacionada à afirmação da vitalidade e da centralidade da língua na identidade e na organização social das comunidades.

Quando? Quando essas práticas ocorrem? O levantamento identifica produções tradutórias distribuídas ao longo do processo contemporâneo de retomada do Tupi Potiguara. Embora o corpus localizado neste estudo apresente registros que remontam pelo menos a 2018, há relatos de traduções produzidas desde o início da retomada, por volta dos anos 2000. Essas produções iniciais, embora ainda não tenham sido incorporadas ao corpus analisado, são relevantes para compreender a trajetória das práticas tradutórias relacionadas ao Tupi Potiguara, pois contribuíram para a construção das condições que possibilitaram a produção e a circulação de materiais posteriores. A partir de 2018, o

levantamento registra a tradução do *Mimomirĩ* na dissertação de Felix (2018) e, nos anos seguintes, outras ocorrências em trabalhos acadêmicos de 2023, 2024 e 2025, além da publicação de *Tupi Potiguara Kuapa* (Silva, 2024), da produção de *Akajú do Norte* (Clara Potiguara, 2024), da tradução de *Tybyra* e do álbum *Toré Potiguara da Paraíba (Lado A)* (Povo Potiguara, 2025), bem como das traduções de canções do Toré reunidas no projeto *Kaá rerekoareta Potiguara – Fortalecendo a língua tupi!*. Desse modo, os registros identificados permitem observar uma ampliação progressiva das práticas tradutórias e de seus espaços de circulação ao longo da retomada contemporânea.

Cui bono? Qual a função dessas traduções? Elas contribuem para colocar o Tupi em circulação em diferentes espaços, apoiar seu ensino e uso, ampliar seu repertório e favorecer a autonomia dos próprios falantes e professores na produção de novos materiais. Os dados também permitem aproximar tradução e resistência. A retomada do Tupi ocorre depois de um longo processo histórico de deslocamento linguístico, marcado por políticas de imposição do português. No presente, a produção de traduções e de materiais em Tupi contribui para reverter, em alguma medida, essa restrição histórica dos espaços de uso da língua. Traduzir para o Tupi significa, nesse sentido, criar possibilidades de circulação de conhecimentos e experiências em uma língua que volta a ocupar espaços educacionais, culturais e comunitários. Essa dimensão é especialmente relevante porque a retomada da língua não se limita à recuperação de formas registradas em fontes históricas, haja vista que envolve a criação de possibilidades para que o Tupi seja utilizado em situações atuais e possa dar nome a novas experiências, objetos e práticas do cotidiano. Como mostra Cabral (2024), a criação de neologismos constitui uma das respostas às demandas produzidas pela retomada linguística, especialmente diante da necessidade de expressar realidades que não encontram correspondentes imediatos nos repertórios registrados. A elaboração de materiais didáticos e a produção de textos autorais evidenciam esse movimento de expansão dos usos da língua.

Os resultados acima apontam para uma relação estreita entre tradução, formação e autonomia. Um dos objetivos centrais do projeto de extensão Saberes Tradutórios com Saberes Potiguara é justamente contribuir para que os professores de Tupi desenvolvam maior segurança e autonomia para lidar com as demandas de tradução que surgem em suas atividades, sem depender constantemente do Professor Navarro ou de professores e tradutores com maior experiência. A formação busca, desenvolver a Competência Tradutória (PACTE, 2003) e, assim, criar condições para que esses professores possam consultar diferentes fontes, discutir as possibilidades disponíveis e, sobretudo, formular e propor suas próprias soluções tradutórias, considerando os usos e as necessidades de sua comunidade. Ao mesmo tempo, as soluções construídas durante esse processo resultam em materiais que podem ser utilizados nas atividades educativas e contribuir para ampliar os usos do Tupi. A tradução passa, portanto, a ser também um espaço de formação e de construção

de autonomia, no qual pesquisa, extensão e saberes Potiguara se articulam na produção e circulação de conhecimentos linguísticos.

5. Considerações Finais

O levantamento realizado permite observar a tradução como uma prática que participa da ampliação dos usos e dos espaços de circulação do Tupi Potiguara. As traduções identificadas abrangem materiais didáticos, textos literários e acadêmicos, canções, conteúdos digitais e sinalização, entre outros suportes, revelando diferentes demandas comunicativas e contextos de uso. Nesse percurso, a tradução contribui para colocar o Tupi em relação com gêneros, finalidades e públicos diversos.

Os dados também evidenciam que as soluções tradutórias são construídas a partir de diferentes procedimentos, fontes e formas de colaboração. Professores de Tupi, tradutores, estudantes e pesquisadores participam, em diferentes situações, da elaboração, discussão e revisão das traduções. As escolhas linguísticas respondem às características dos textos e às finalidades de sua circulação, envolvendo questões como terminologia, organização textual, oralidade, cantabilidade e adequação aos diferentes suportes.

A análise dos materiais permite, ainda, identificar uma ampliação progressiva dos domínios em que o Tupi Potiguara é empregado. A tradução de textos acadêmicos, literários e dramáticos, a produção de materiais didáticos e musicais e a presença da língua em plataformas digitais e espaços públicos mostram que as práticas tradutórias estão associadas à criação de novas possibilidades de uso. As produções iniciais, ainda que não incorporadas ao corpus, também indicam que esse processo se desenvolve desde o início da retomada, contribuindo para as condições de produção de materiais posteriores.

Em diálogo com Delisle e Woodsworth (2003), que reúnem diferentes episódios históricos para evidenciar o papel desempenhado por tradutores e pela tradução no desenvolvimento das línguas nacionais, na circulação de conhecimentos e na transmissão de valores culturais, este levantamento oferece a oportunidade de registrar, de forma sincrônica, a participação da tradução no processo contemporâneo de reconstituição do Tupi e de formação do Tupi Potiguara. Se *Os tradutores na história* permite reconhecer retrospectivamente essas contribuições em diferentes períodos e contextos, o presente estudo acompanha um processo ainda em curso, no qual é possível observar agentes, traduções, demandas e procedimentos à medida que novos espaços de uso da língua são constituídos. A documentação dessas práticas pode, assim, contribuir para uma futura história da tradução e da própria formação do Tupi Potiguara.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Agradecimentos

Agradecemos a Romildo Guyraakanga Potiguara e a Daniel Antonio de Sousa Alves pela leitura do artigo e pelas contribuições e sugestões apresentadas.

Conflito de Interesse

O(s) autor(es) não tem/têm conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa:

Os autores consultaram os roteiros de relato de pesquisa disponíveis na EQUATOR Network para verificar a existência de uma diretriz aplicável ao presente estudo. Considerando o caráter documental, exploratório e descritivo-interpretativo da pesquisa, articulado a uma perspectiva historiográfica da tradução, não foi identificado, entre os roteiros consultados, um roteiro específico aplicável ao desenho e ao campo do presente estudo. Dessa forma, nenhum roteiro da EQUATOR Network foi adotado como diretriz de relato.

A pesquisa não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados:

Os dados que fundamentam as análises apresentadas neste artigo estão descritos e discutidos no próprio texto. O levantamento integra a dissertação de mestrado em andamento do segundo autor, intitulada “Práticas linguísticas em Tupi Potiguara: levantamento de materiais em contexto de revitalização”, desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa. O corpus ampliado encontra-se em processo de constituição, e a base de dados completa será disponibilizada ao final da pesquisa.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial e Ferramentas Digitais

O ChatGPT, desenvolvido pela OpenAI, foi utilizado como ferramenta de apoio à revisão e ao aprimoramento da redação do artigo, incluindo sugestões de reformulação de trechos, ajustes de clareza e concisão e revisão de aspectos textuais. Os autores revisaram as sugestões e são integralmente responsáveis pelo conteúdo final do manuscrito, incluindo as análises, interpretações e conclusões apresentadas. Não foram utilizadas outras ferramentas de inteligência artificial generativa.

Declaração de contribuição dos autores

Roberto Carlos de Assis: conceitualização, concepção da metodologia, administração do projeto, supervisão, redação do rascunho original, revisão e edição. Edson Rodolfo Ferreira Ramos: investigação, curadoria de dados, redação do rascunho original, revisão e edição.

Referências Bibliográficas

ASSIS, R. C. POTIGUARA, J. R. A. S. G. NAVARRO, E. A. A Preservação e revitalização do Tupi: um diálogo com Eduardo Navarro. **Revista InterCulturas**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. e74047, jun. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15580980

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM TRADUÇÃO (ABRAPT). **ENTRAD 2025: Encontro Nacional de Tradutores**. Grupo de Trabalho O Brasil em tradução: questões afro-indígenas, sociais, políticas em modo de resistência. Salvador, 2025. Disponível em: <https://www.abrapt.org.br/entrad/simposios/>. Acesso em: 28 set. 2026. .

BASSNETT, Susan. **Translation Studies**. 3. ed. London: Routledge, 2002.

BELMAR, Guillem. The role of Translation in the Revitalization Process of Minority Languages: the Case of Basque. **Darnioji daugiakalbystė / Sustainable Multilingualism**, Out./2017, DOI <https://doi.org/10.1515/sm-2017-0002>.

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **Protagonismo indígena no Brasil: movimento, cidadania e direitos (1970-2009)**. 2010. 464 f., il. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CABRAL, Dherek Rinaldi. **A tradução como revitalização entre os Potiguara (PB)**. Dissertação — USP, 2024.

CLARA POTIGUARA. **Akajú do Norte**. [Vídeo]. YouTube, 22 dez. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8XoLRVlziqc>. Acesso em: 22 set. 2026.

COSTA, Dioclécio Bezerra da; FEITOZA, Rejane Batista da Costa; IBIRAPÁH, Diego Bruno Oliveira de A. Akanguasu (org.). **Protocolo comunitário do Território Mendonça: protocolo comunitário de consulta livre, prévia, informada e de boa-fé, das comunidades indígenas do Território Mendonça**. Território Indígena Mendonça, RN, 2024. 42 p. Documento comunitário não publicado.

COSTA, Surama Santos Ismael da; LIMA, Genilson Silva de; FALCÃO, Emmanuel de Sousa Fernandes (org.). **Saberes Potiguara: fortalecendo educação e identidade de nosso povo**. São Paulo: Dialética, 2025. 296 p. ISBN 978-65-270-6384-1. Disponível em: <https://loja.editoradialetica.com/humanidades/saberes-potiguara-fortalecendo-educacao-e-identidade-de-nosso-povo?srsltid=AU7gw4V3Q65Ut9HFlusFy55joeGnwmlc1YqnnWp5wtmz4aXotuMkrp2P> . Acesso em: 28 set. 2026.

D'HULST, Lieven. Why and how to write translation histories. **CROP**, v. 6, 2001. p. 21-32.

POVO POTIGUARA. Toré Potiguara da Paraíba (Lado A). 2025. Álbum musical. Disponível em: <https://music.amazon.com/albums/B0H64F7NGT> Acesso em: 22 set. 2026.

REREKOARA, Helson. **Kaá rerekoareta Potiguara – Fortalecendo a língua Tupi!** [Perfil do projeto]. Instagram, 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetokaarerekoareta/>. Acesso em: 1 out. 2026.

RIO TINTO (PB). Lei Municipal n.º 1.263, de 6 de julho de 2026. Dispõe sobre a oficialização da Língua Tupi Potiguara e da Língua Indígena Potiguara de Sinais como línguas cooficiais no território indígena de Monte Mor, município de Rio Tinto, Estado da Paraíba, e dá outras providências. Boletim Oficial do Município, Rio Tinto, 6 jul. 2026. Disponível em: https://www.riotinto.pb.gov.br/arquivos/4426/LEIS_MUNICIPAIS_1263_2026_0000001.pdf. Acesso em: 28 set. 2026.

SILVA, José Romildo Araújo da. **Tupi Potiguara Kuapa: conhecendo a língua Tupi Potiguara**. Mamanguape, PB: Ed. do Autor, 2024.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018. 239 p.

SOARES, Danilo. @danilo.s68. Professor de Tupi. Instagram, [s. d.]. Disponível em: <https://www.instagram.com/danilo.s68/> Acesso em: 23 set. 2026.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Revised ed. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **Repositório Institucional da UFPB**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, [s. d.]. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/>. Acesso em: 28 set. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Projeto de Pesquisa: Contextos das traduções e dos Estudos da Tradução Literária no Brasil: agentes, ações e estilo. Código PVB20712-2026. João Pessoa, 2026a. Documento institucional.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Projeto de Extensão: Saberes Tradutórios com Saberes Potiguara – Ano II. Código PJ378-2026. Marcação/João Pessoa, 2026b. Documento institucional.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: a history of Translation**. London: Routledge, 1995.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.